

“SU ABUELO HUMILLÓ A LOS MUERTOS Y A LOS VIVOS”: A MEMÓRIA DISCURSIVA DO FRANQUISMO NO DISCURSO DIGITAL

Matheus França Ragievicz¹

Resumo: No presente artigo, à luz da Análise de Discurso (AD) de linha francesa e materialista, analisamos os (des)enlaces entre a memória do franquismo e sua textualização no discurso digital. Para tanto, analisamos duas sequências discursivas que fazem parte da reação desencadeada no *Twitter* às declarações do neto (Francisco Franco Martínez-Bordiú) do ex-ditador espanhol (Francisco Franco), em relação à exumação do avô. Consideramos como a tecnologia se conjuga à discursividade histórica, produzindo formas de dizer que fazem o sujeito mergulhar na evidência do sentido e do tecnológico.

Palavras-chave: Franquismo. Memória discursiva. Discurso digital. Pêcheux.

“HIS GRANDFATHER HUMILIATED THE DEAD AND THE LIVING”: THE DISCOURSE OF FRANCOISM MEMORY IN DIGITAL DISCOURSE

Abstract: In this article, based on the French school of Discourse Analysis (AD), we analysed the materiality of Francoism's memory and his textualization in digital discourse. Therefore, are studied two discursive sequences that was part of the reactions generated on Twitter to the statements of the former Spanish dictator's grandson, regarding the exhumation of his grandfather. We consider how technology connects to historical discursiveness, producing ways of saying that make the subject dive into the evidence of sense and technology.

Keywords: Francoism. Memory. Digital Discourse. Pêcheux.

¹ Doutorando em Letras na área de concentração de Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná (PPGLET/UFPR). Membro do Grupo de Pesquisa “Estudos do Texto e do Discurso: Entrelaçamentos Teóricos e Analíticos” (UNICENTRO/UFPR). matheusfrancar@gmail.com.

1. Um caminho para o Franquismo...

O que venha a ser nomeado por “franquismo” certamente merece atenção privilegiada, uma vez que a derivação nominal, ou melhor, a derivação do nome próprio (Franco²) insere-se numa cadeia simbólica que possibilita a formulação de dizeres, a subjetivação de sujeitos (*os franquistas*) e a circulação de sentidos. Num primeiro gesto de interpretação, partindo da morfologia, compreendemos que o radical *-ismo*, em espanhol, provém do grego e é utilizado para delimitar sistemas políticos, doutrinas, tendências intelectuais (METZELTIN, 2019) ou como define a Real Academia Española, RAE (2009, p. 64, grifos dos autores):

En general, la interpretación de actitud, corriente o doctrina es la que suele predominar en los derivados en *-ismo* que alternan con nombres de cualidad. En efecto, los sustantivos *liberalismo*, *historicismo* e *inmovilismo* designan doctrinas, prácticas o tendencias intelectuales o políticas, mientras que *liberalidad*, *historicidad* e *inmovilidad* nombran, respectivamente, las cualidades de liberal, histórico e imóvel³.

Desta forma o radical *-ismo*, em “franquismo”, se adjunta a um nome próprio para constituir uma relação patronímica referente à “Espanha” de “Francisco Franco”. No entanto, a sufixação não é suficiente para explicar o modo do nome significar, de relacionar-se com diferentes formações discursivas ou regiões do interdiscurso. Seguindo um caminho oposto, Mariani (2014, p. 140) defende que o “[...] nome próprio é um tipo de nome específico e pode ter valor significante no inconsciente, ou

2 “Franco” faz referência a Francisco Franco, ditador que governou a Espanha após a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) até a data de sua morte, 1975. Seu governo foi marcado pela repressão às liberdades sociais, à perseguição política aos republicanos (vencidos na guerra) e à instalação de um estado nacional-católico (HERNÁNDEZ BURGOS, 2012).

3 “Em geral, a interpretação da atitude por corrente ou por doutrina é a que, frequentemente, predomina nas palavras derivadas de *-ismo* que se alternam com nomes de qualidade. De fato, os substantivos *liberalismo*, *historicismo* e *inmovilismo* designam doutrinas, práticas ou tendências intelectuais ou políticas, enquanto que *liberdade*, *historicidade* e *imobilidade* nomeiam, respectivamente, as qualidades de liberal, histórico e imóvel” (tradução livre)

seja, pode ser tomado como significante”. Desde a perspectiva psicanalítica, arguida pela autora citada, o nome adquire outra dimensão, a dimensão de *significante*. O processo de sufixação com *-ismo*, longe de apenas indicar um caminho para palavra, sinaliza antes o trajeto do significante, suas querelas, suas tramas e seus traumas. Podemos considerar nestes termos, portanto, que sufixar é dar potência simbólica ao nome próprio, nome que se diz pelo significante e se refaz pelas bordas do silêncio constitutivo (ORLANDI, 1995). Por essa via que o “franquismo”, enquanto significante, encontra um caminho para dar sentidos à/na formação social espanhola. É partindo do franquismo, como memória discursiva, que inscritos na Análise de Discurso (AD) pecheuxtiana, buscamos compreender sua discursivização a partir do *Twitter*. Tal questão ganha relevância em função da política de gestão de memória espanhola que, recentemente (em final de outubro de 2019), por meio de seus instrumentos jurídicos, determinou a exumação dos restos mortais do ditador (Franco) do monumento *Valle de los Caídos*, santuário dedicado aos *caídos* da guerra civil espanhola. A ação, promovida pelo governo espanhol e ratificada pelos tribunais supremos deste país, não aconteceu sem confronto, especialmente no espaço virtual. Assim sendo, dedicamo-nos a analisar alguns tuítes produzidos às vésperas da exumação de Franco. Tais tuítes tratam da repercussão do pronunciamento de um dos netos do ex-ditador, o qual roga que “humillar a los muertos, es de cobardes”. Para realizar as análises, consideramos as condições de produção do discurso digital como imprescindíveis para apreender o funcionamento da memória na produção dos sentidos.

2. O Franquismo nas fronteiras do Discurso Digital

Em seus trabalhos, Dias (2016a) defende que a tecnologia digital afeta a formulação do dizer em espaço de interlocução virtual. Nessa direção, segundo a autora, a formulação do discurso afeta e é afetada pela materialidade digital, já que à cena do sentido há a emergência da discursividade digital por meio de *suportes materiais* (formas imagéticas, verbais, sonoras, etc.) em *meios materiais* (plataformas, sites, aplicativos, dentre outros) (DIAS, 2016b). Assim sendo, o que venha a ser dito nas condições de produção do discurso digital é afetado pela *discursividade digital*, isto é, o caminho percorrido pelo sentido em sua formulação será determinado pelas formas e modos de se enunciar *on-line*. O *Twitter*, espaço digital que recorreremos para constituir o recorte analítico, oferece a possibilidade quase irrestrita de interlocução (ou, pelo menos, *imaginariamente*) entre seus usuários: interações entre usuários de diferentes regiões, países, classes, gênero, etc.; produção de textos verbais (limitados em 140 caracteres) e/ou visuais, o *tuíte*; republicação de tuítes; produção de enquetes; compartilhamento de fotos, vídeos, etc. O *Twitter* surge sob a demanda dos discursos da globalização, os quais se produzem sob os sentidos de um mundo *compacto, acessível e para todos*, apagando a contradição que subjaz os confrontos, as desigualdades e os conflitos históricos, sociais e econômicos de cada formação social.

A incorporação da tecnologia digital no cotidiano dos sujeitos acarreta transformações na relação que estes mantêm com o discurso. Conforme Dias (2016a, p. 11):

[...] a digitalização do mundo é um processo de historicização dos sentidos que desloca o modo de significação, produzindo uma forma material outra, porque inscreve o dizer, o fazer, as práticas dos sujeitos, em outras condições de produção, afetada por outras instituições, como as corporações do tipo Google ou Microsoft, garantindo o funcionamento da máquina ideológica por meio das relações de poder e de produção-reprodução do trabalho.

As condições de produção do virtual, portanto, são atravessadas pelo funcionamento da *máquina*, de instituições e de imaginários que tornam o digital um espaço propício à submissão e à determinação de formas de significar condicionadas às *novas* práticas de trabalho (por exemplo, a *uberização*), de produção de conhecimento e de *distribuição* de poder. A escrita no *Twitter*, deste modo, não se produz na isenção ideológica, mas nos próprios efeitos da ideologia sobre o virtual, seus modos de materialização no encontro com o significante. Produzir um tuíte ou uma resposta a um tuíte é alocar a enunciação num dispositivo tecnológico que embaça a relação entre a memória discursiva e memória metálica (DIAS, 2016a). Isto posto, pensar a textualização do franquismo em rede, leva-nos a compreendemos de antemão que a *materialidade digital* afeta a formulação do discurso e seu modo de relação com o acontecimento discursivo, político e histórico da ditadura franquista, que surge com a supressão da Segunda República (1931-1939) (HERNÁNDEZ BURGOS, 2012). Deste modo, os tuítes analisados produzem-se num duplo efeito: pela memória que liga posições-sujeito, sentidos e formações discursivas ao franquismo e o modo de dizer em condições de produção digitais.

Em AD compreendemos que o sujeito para (*se*) dizer, assume no discurso uma posição-sujeito. Formulando seu dizer em condições digitais, o sujeito mergulha suas palavras num modo de dizer que o expõe de modo constante a algorítmicos, à quantidade, ao acúmulo (ORLANDI, 1996). Na era digital, como nos apresenta Haroche (2008), os processos de subjetivação acabam abalados com a *nova* ordem do cotidiano. Para a autora, “as maneiras de ser e de sentir, os modelos de comportamento e de sentimento se modificaram em sua relação com o tempo sob o efeito da aceleração, e em sua relação com o espaço sob o efeito da globalização, da diluição das fronteiras entre o mundo real e os mundos virtuais” (HAROCHE, 2008, p. 180).

Ainda que esteja pendente na reflexão de Haroche a dimensão materialista, a sua posição sobre a contemporaneidade e o digital apontam para a emergência de outros modos de compreender o sujeito e sua relação com o social (intermediada, por excelência, pelo digital). Por mais que sentimento, emoção e comportamento se misturem na constituição do sujeito psicossocial de Haroche, cabe dar atenção à *aceleração da informação* referida pela pesquisadora. Nessa direção, a circulação *constante e interrupta* da informação faz com que as trocas intersubjetivas acarretem, de fato, um outro modo de funcionamento da linguagem e de subjetivação do sujeito, isto porque o mundo “real” e o “virtual” passam a estabelecer mundos quase *indissociáveis*, pois a dependência da tecnologia para a *vivência* cotidiana se produz sob um efeito de *i-limitação* do dizer. Tal efeito, se enlaça com a base da infraestrutura (no sentido marxista), posto que:

[...] nas sociedades contemporâneas de mercado, as tecnologias de informação, por reforçarem e contribuírem para um ritmo acelerado, levaram a uma *superficialidade* nas interações, nos vínculos e nas trocas - uma superficialidade não só ligada à falta de tempo e à visibilidade permanente, como também alienante, humilhante, pois priva o indivíduo de consciência e o leva a um contínuo desnudamento de si mesmo (HAROCHE, 2008, p. 180).

No capitalismo avançado, subsidiado por práticas e por discursos que se asseveram no neoliberalismo, a *superficialidade* pode ser traduzida pela plasticidade da palavra; as trocas, os acordos e os sentidos colocados em cena na interlocução deixam de fiarem referentes, se *evaporam* no gesto em si do dizer. A identidade própria ao significante se coloca como passível de *desnudamento* e o sujeito como efeito da *afetividade* metálica dos algoritmos. Uma individua(liza)ção contemporânea no digital. Portanto, a *discursividade digital* acaba jogando sobre o sujeito outras lentes, as lentes metálicas que o fazem tentar à entrega pela visibilidade (HAROCHE,

idem) e à possibilidade *i-limitante* do tecnológico. Porém, também devemos compreender, por outro lado, que conforme Mariani (2003, p. 66):

Discursivamente, o sujeito é uma posição em movimento histórico: os lugares de onde fala constituem o que diz, mas isso não é transparente para o sujeito. O sujeito significa já afetado pelo Outro sem se dar conta do processo de retomadas e mudanças das significações no qual se encontra.

A enunciação *no* discurso digital, desta forma, é determinada duplamente: pela evidência do sentido e pela evidência do tecnológico. Ambas se somam, sem, no entanto, excluírem-se mutuamente ou limitarem a determinação pelo *Outro*. Salientamos que para Mariani (*idem*), o *Outro* (grande outro) da psicanálise é o que constitui o inconsciente e, portanto, instaura no sujeito sua relação com o significante. Ainda, a autora destaca o *Outro* como força motriz que possibilita ao sujeito a entrada na linguagem, por meio de processos de alienação e de separação que permitem a formação do inconsciente e do *objeto a* isto é, a formação da dimensão do desejo na subjetividade do sujeito (MARIANI, 2012). Desta forma, lançamos mão da compreensão de que o sujeito, *posição* no discurso, é cindido pelo *Outro*, se enuncia a partir de uma posição constituída historicamente na memória do discurso e é determinado pela *materialidade digital*. Esse entendimento possibilita-nos compreender o trabalho simbólico da memória do dizer que permite à memória discursiva do franquismo formular-se no discurso digital.

3. O atravessamento da memória discursiva do franquismo no *Twitter*

Enquanto acontecimento discursivo, o franquismo se constitui a partir de derivas históricas, sociais e discursivas, que marcam em seu interior um complexo heterogêneo que não deixou espaço para a homogeneidade. Seguindo Calero (1999, p.

30, grifos do autor), “[...] el franquismo irrumpió, por tanto, como una «dictadura reaccionaria» por sus mismos orígenes ideológicos y sus particulares relaciones con la sociedad española⁴”. A memória discursiva franquista, deste modo, se faz nas contingências históricas ligadas à violência, à perseguição política, à repressão. No entanto, esta posição nada mais indica um *consenso* no modo de significar politicamente a memória do franquismo e ao mesmo passo, Franco. A contradição (real da história) é a matéria motriz nesse processo, pois, se de um lado houve um *éxito* econômico à época franquista (HERNÁNDEZ BURGOS, 2012), por outro lado, se alastra a sombra das milhares de fossas abertas na Espanha⁵, com restos mortais (sem identificação) de vítimas da guerra civil e do franquismo (FERRÁNDIZ, 2010). Para além, há vozes que destoam do *consenso* predicado à memória discursiva do franquismo, como é o caso de Francisco Franco Martínez-Bordiú, neto de Franco.

No dia 26 de setembro de 2019⁶, foi publicada em Madrid uma entrevista com Martínez-Bordiú num dos jornais de maior circulação na Espanha, “El Mundo”. A entrevista, publicada em formato escrito, se estrutura em perguntas dirigidas ao neto de Franco e, na sua sequência, as respostas oferecidas por este. Na apresentação da matéria, a redatora da entrevista, Emilia Landaluce, destaca o silêncio da família Franco após a determinação do Tribunal Supremo Espanhol para dar sequência à exumação do ditador (ordem esculpida por meio do Real Decreto-Lei 10/2018, ampliando a lei de memória histórica e aprovando a retirada dos restos mortais de Franco do Vale dos Caídos). Ainda nesse

4 “[...] o franquismo estalou, portanto, como uma “ditadura reacionária” derivada de suas origens ideológicas e suas relações particulares com a sociedade espanhola” (tradução livre)

5 Ver: Asociación para la recuperación de la memoria histórica em <<https://memoriahistorica.org.es/>>.

6 “Francisco Franco: ‘La actitud de la Iglesia nos ha producido una gran decepción’ ” disponível em: <<https://www.elmundo.es/espana/2019/09/26/5d8bc3c9fc6c8362138b462f.html>>. Acesso em 10 fev. 2020.

movimento, Martínez-Bordiú é considerado o “porta-voz” da genealogia dos Franco. Se estabelece, inicialmente, uma justaposição entre silêncio e dizer, já que no fio da formulação da introdução à notícia, o silêncio (falta de resposta) da decisão judicial não *pode* coadunar ao acontecimento da exumação, ou melhor, *à falta* de dizer, ainda mais tratando-se do porta-voz, o *curador* do espólio discursivo da família Franco. Essa justaposição acaba suprimida com o início da entrevista, produzindo por meio do gesto de *rompimento* do silêncio ao dar-se a escutar *a voz* dos Franco.

No turno de resposta, em que fala Martínez-Bordiú, sublinhamos em nosso gesto de leitura a soma de várias formas de significar (a memória de) Franco. É citada por Martínez-Bordiú a decisão do Governo, por meio de tribunais superiores, em não permitir à família Franco o direito de eleger o destino dos restos mortais do ditador, fazendo com que os seus descendentes se tornem *perseguidos políticos*, pela restrição ao *direito* de enterrar um familiar falecido. O entrevistado também qualifica a lei de memória histórica como “instrumento liberticida”, por *profanar* a tumba de Franco (e a história franquista). Também se textualiza o ressentimento do neto de Franco em relação à Igreja Católica, outrora *protegida* por Franco, mas que conforme este, virou as costas ao avô e não interferiu na exumação. O entrevistado também defende que há manipulação do atual governo, que põe em marcha uma tentativa de *revisão* da história para tornar Franco um personagem-ditador, quando seu avô em realidade, não era odiado pelo povo. Ainda que os elementos citados se conformem em uma certa memória do franquismo, nos detemos na seguinte resposta que se *repete* por meio de *paráfrase* nos tuítes que analisaremos na sequência:

[...]

P: ¿Tras la muerte de su abuelo, temieron en algún momento que su patrimonio -como

ha pasado en los contenciosos para la expropiación del caso de Meirás⁷, Cornide-correria peligro? (*sic*)

R: Como decía Napoleón «humillar a los muertos, es de cobardes». Desenterrar a un muerto que pertenece a la Historia es **histerismo e impotencia**. Han tenido que esperar a que murieran el 95% de los que vivieron la guerra. Crear una Ley de corte marxista que pretende escribir la historia por decreto, y bajo ese paraguas creado por el peor presidente del Gobierno desde Zapatero, perseguir todo lo relacionado con él. Incluido el Pazo, Cornide... (*El Mundo*, 2019, destaque nosso)⁸.

Perguntado pelo temor sobre a incorporação do patrimônio de sua família pelo Estado, após a morte de Franco, Martínez-Bordiú se vale de um dito que o atribui a Napoleão Bonaparte “humilhar os mortos é para os covardes”. Em seguida, fazendo referência a Franco, Martínez-Bordiú diz: “Desenterrar um morto que pertence à história é histerismo e impotência”. No fio do discurso, afrontar os mortos e sua história, no caso específico de Franco, consistiria em *destruir* o passado do franquismo, já que no presente não há oposição e resistência, há história e não homens concretos em pele e osso dispostos a *lutar pelos sentidos*. Há o cinismo dos vivos que desenterrando a história e os mortos, o fazem como ação desesperada incitada pelo “histerismo” frente à “impotência” de quem não pôde *fazer* história e agora a *muda* por decreto (referência aos socialistas, governo à época da entrevista, quem foram perseguidos, mortos e exilados por Franco).

⁷ Cf. Los expertos que trataron el caso de Meirás ven la demanda “bien fundamentada” y con “razonables posibilidades de éxito” - EuroPress <<https://www.europapress.es/galicia/noticia-expertos-trataron-caso-meiras-ven-demanda-bien-fundamentada-razonables-posibilidades-exito-20190711153941.html>>.

⁸ “[...] **P:** Depois da morte do seu avô, vocês temeram em algum momento que o seu patrimônio – como aconteceu na disputa judicial pela desapropriação dos casos do palácio de José Cornide e das Torres de Meirás – corria perigo?”

R: Como dizia Napoleão: “humilhar os mortos é para os covardes”. Desenterrar um morto que pertence à História é histerismo e impotência. Tiveram que esperar que mais de 95% dos que viveram a guerra morrerem... Criar uma Lei de alinhamento marxista que pretende escrever a história por decreto e, debaixo das asas protetivas do pior presidente de Governo [Pedro Sánchez] depois do Zapatero, perseguir tudo que esteja relacionado a ele [Franco]” (tradução livre).

Nessa esteira, como respostas às declarações de Martínez-Bordiú, se produziu no *Twitter* a circulação de tuítes que confrontavam os dizeres do neto de Franco. Fazendo uma pesquisa (direcionada em língua espanhola) no buscador da rede social pela palavra “Franco”, somos direcionados a tuítes de todas as ordens e as mais variadas temáticas, haja vista a possibilidade de dizer sobre o referente nesse espaço *i-limitado*. Nem todos os resultados fazem referência a Francisco Franco, uma vez que a pesquisa refinada pelo nome (relativamente comum) faz referência a outros sujeitos e também ao significante “franco” (de sinceridade). No emaranhado de tuítes, encontramos dois que consideraremos como nossa sequência discursiva 1 - (SD1).

SD1⁹



Partindo ao movimento analítico, tomamos como recorte dois tuítes publicados no mesmo dia da entrevista e que fazem referência à formulação: “**humilhar os mortos** é para os covardes”. Nos tuítes selecionados, há uma reconstituição parafrástica desse enunciado anterior: “O neto do Franco disse que **humilhar os mortos** é para os covardes... então seu avô era *fodido*”¹⁰ (tuíte

⁹ Cf. <<https://twitter.com/antonlosada/status/1177126187568717825>>.

¹⁰ Segundo o Dicionário da Real Acadêmica Espanhola “1. adj. malson. coloq. Dicho de una persona: Cobarde, miedosa, de poco espíritu. U. t. c. s.”. Disponível em: <https://dle.rae.es/cagado?m=30_2>. Em nosso gesto de tradução compreendemos que “cagado” é um uso coloquial e depreciativo, que é utilizado para destacar, no enunciado de partida, o quanto Franco também seria covarde. A utilização de “fodido” é empregado, desse modo, na tentativa de manter a intensificação, ainda que outras interpretações sejam possíveis.

matriz¹¹, destaques nossos) e “Seu avô **humilhou os mortos** e os vivos” (tuíte *resposta*, destaque nosso). Em ambos os casos o sintagma “humilhar os mortos” se reitera por meio de processo parafrástico. A esse respeito Pêcheux (2010, p. 65)

defende que:

[...] sob o ‘mesmo’ da materialidade da palavra abre-se em meio ao jogo da metáfora como outra possibilidade de articulação discursiva. Uma espécie de repetição vertical, em que a memória volta-se sobre si mesma, esburacando-se, perfurando-se antes de se desdobrar em paráfrase.

A paráfrase no discurso, como podemos observar, se desdobra num processo de metaforização (substituição) (*a por b, b por c, c por b*, etc.) em que a repetição faz com que o interdiscurso se refaça conforme as posições-sujeito daqueles que enunciam. Considerando o que apontamos até aqui, podemos afirmar que os sujeitos envolvidos na enunciação da memória do franquismo (*neto de Franco*, os usuários do Twitter Antón Losada e Esther) o fazem a partir de condições de produção diferentes. O primeiro, Martínez-Bordiú, formula seu dizer a partir do confronto com o governo socialista que apoia a lei de memória histórica, além disso responde como a voz ainda viva dos Franco. Para dizer, lhe é concedido um espaço numa mídia tradicional (um jornal), enquanto aos outros dois, é no discurso digital que seu dizer se formula. Há grandes diferenças em ambos modos de enunciar. No *Twitter* as paráfrases se formulam não apenas nos dois tuítes (mas em muitos outros que são produzidos em *resposta* ao tuíte *matriz*¹²). Na própria enunciação no discurso digital a historicidade que é reposta no comentário de Martínez-Bordiú (sua referência à Bonaparte) é apagada e nos tuítes é tomado como sua voz (processo contemporâneo

à evidência do sentido na constituição do sujeito, *esquecer-se para dizer*). Deste modo, a paráfrase no discurso digital se produz na saturação do tecnológico, que permite o desdobramento *i*-limitado do dizer. Assim são formulados os dois tuítes. No primeiro caso, “O neto do Franco disse que **humilhar os mortos** é para os covardes... então seu avô era *fodido*”, o eixo de formulação explícita o ponto de partida do dizer que é citado, isto é, “o neto de Franco”. Em seguida, predicando o sujeito, a sentença “humilhar os mortos é para os covardes” cola-se o dizer ao sujeito, como se fosse este quem detivesse a autoria. Na referência à exumação de Franco fica evidente ao sujeito que enuncia, pois à sequência encontramos “então seu avô era *fodido*” em que o uso do adjetivo (*fodido*) reduplica o enunciado, direcionando diretamente a Franco: se os vivos são covardes, Franco era muito mais. Se quebra a linearização do que é dito da entrevista, para na contestação, a paráfrase desdobrar-se em crítica, oposição. Os humilhados, dessa forma, podem significar como os que morreram pelas mãos Franco, isto é, pela via do não-dito que recai no enunciado, por exemplo, a historicidade do Vale do Caídos, monumento com milhares de ossadas sem identificação (sobretudo de republicanos) onde Franco esteve enterrado até sua exumação recente. Assim sendo, em matéria de ser *covarde* com os mortos, Franco era “fodido” (foi enterrado em cima de centenas de *humilhados*). O atributo de Franco (“fodido”) ao mesmo passo desqualifica a posição tomada por Martínez-Bordiú, como territorializa a memória do franquismo como presença incontornável da violência e do *culto* à humilhação aos mortos.

No segundo tuíte, o dizer se soma aos demais que vão se quantificando, se somando e tornando a quantidade na *saturação*. *Resposta* ao tuíte *matriz*, “Seu avô **humilhou os mortos** e os vivos” (destaque nosso) se liga à produção de sentidos que repete as palavras do neto de Franco,

11 Como é possível aos usuários responderem a tuítes, tomamos o primeiro como “matriz”, isto é, o tuíte primeiro que permite que outros se somem como resposta.

12 Como se nota na SD1, no ícone de comentário do tuíte *matriz* há a sinalização de pelo menos mais de 158 tuítes *resposta* que precedem a *matriz*.

mas o faz de forma diferente, pois a “[...] repetição propriamente dita é o retorno do mesmo sob uma diferença, não a simples repetição do idêntico” (HENRY, 1992, p. 173). Nesse segundo enunciado, os complementos diretos “os mortos” e “os vivos” (a transitividade direta se mantém em espanhol¹³), incorporam outros referentes ao verbo humilhar. Se antes, a humilhação e a covardia se restringiam aos mortos, aqui ela é posta também em evidência em relação aos vivos (complemento direto). Nessa direção, a repetição desemboca numa paráfrase que aponta para outros lugares, o caminho daqueles que vivos também sofreram a humilhação que hoje, Martínez-Bordiú, enuncia em relação a Franco – um *ethos* tragado pela história que agora eclode como metáfora no discurso digital. O jogo de opostos animado/inanimado, desta forma, amplia os espaços de significação incitados no tuíte *matrix*. A abertura permite que a memória discursiva passe a se sobredeterminar na *discursividade digital*. Assim como no tuíte anterior, na verticalização do interdiscurso sobre a formulação, passa a funcionar um não-dizer, uma memória que se sustenta sobre os “vivos”. Conforme Nora (1993, p. 9): “A memória é sempre suspeita para a história, cuja verdadeira missão é destruí-la e a repelir. A história é deslegitimação do passado vivido”. Seguindo esse caminho, podemos depreender que na *narrativa* do franquismo, a história dos sobreviventes e dos caídos (nacionalistas, ganhadores da guerra) se sobrepôs a dos vencidos (republicanos). Para além de profanar os mortos em suas tumbas a céu aberto, os vivos e os sobreviventes passaram a conviver com a *humilhação* da derrota, da perseguição, do isolamento, do exílio. A história, assim, na restituição da memória

13 “Para llevar la preposición a es necesario que el complemento directo sea persona o personificación, y que esté determinado en la mente del que habla [...]” (GAYA, 1980, p. 69-70, grifo do autor). “Para carregar a preposição a é necessário que o complemento direto seja pessoa ou coisa personificada, e que esteja determinado na mente de quem fala [...]” (tradução livre). Os casos de “a los muertos” e “a los vivos” podem se enquadrar nesse funcionamento gramatical, que não é contemporâneo ao português brasileiro.

franquista, pelas lentes de Martínez-Bordiú, faz reincidir na textualização dos *tuítes* o conflito com o passado, que irrompe incessantemente em busca de uma escrita, à procura de sentido.

No pêndulo que faz balançar a memória discursiva e a *materialidade digital* encontramos pontos de dis(junção).

A discursividade do eletrônico (...) é um processo histórico e ideológico de significação da nossa sociedade contemporânea, do modo como estamos nela, como praticamos os espaços, do modo como somos interpelados em sujeito pela ideologia, através das determinações histórica. (DIAS, 2011, p.58).

Atrelado à contemporaneidade, dizer a partir do discurso digital é entregar-se a novas formas de produzir sentidos e a velhas práticas de interpelação ideológica. Os tuítes, expostos à opacidade do dizer no digital, não deixam de não tomar a memória franquista. Produzidos com o limite de 140 caracteres, são frases curtas (com ausência de subordinação no tuíte *resposta* e períodos alternativos no tuíte *matrix*). Curtos, os tuítes fazem significar na *materialidade digital* o confronto da significação, o encontro entre memórias que não pertencem ao mesmo domínio (ou à mesma formação discursiva), ainda que tomem o mesmo referente: “Franco – franqu-ismo”. A memória discursiva do franquismo, significada nos tuítes pelo não-dito, pelo verbo “humilhar”, pelo atributo (na oração copulativa – “então seu avó era *fodido*”), pelos complementos diretos (“os vivos” e “os mortos”), colocam a história nas limiares da memória, evidenciando a inconformidade com o passado, sobretudo, com o passado que enuncia o neto de Franco. Reduzindo os espaços para homogeneidade, a saturação do discurso no virtual produz a *i*-limitação dos “tuítes”, de “respostas”, de “retuite”, etc. À vista disso, não é possível homogeneizar o recorte analisado, já que entre as “158” respostas, há usuários que reivindicam o discurso de Martínez-Bordiú como legítimo e adequado à história oficial

(do franquismo). No fim das contas, encontramos os efeitos da *discursividade* materializada na sintaxe da era digital.

4. Discurso e franquismo: estilhaços da memória

Durante quase quarenta anos a Espanha esteve assistida por um *caudillo*, Francisco Franco. Contemporaneamente, passados mais de quarenta anos de sua morte (m. 1975), encontramos no cenário político a rememoração da história, por meio de uma memória que demole e sepulta Franco e o franquismo às cinzas. Imbuídos nessas condições, discursos são formulados, refutados e atacados na mídia tradicional (jornal, TV, rádio) como no universo virtual (redes sociais, blogs, aplicativos). Os sujeitos que reivindicam a palavra desde o discurso digital, não deixam de serem atravessados pela ideologia, pela memória ou pelo inconsciente. A *materialidade digital* abre portas para o dizer circunscrito em condições que não descaracterizam o sujeito, mas o colocam em *novos* fronts e diante de modos outros de dizer/formular. A natureza do digital, com suas possibilidades *i*-limitadas, acaba ditando os modos dos enunciados se constituírem, formularem e circularem. Prova disso são os tuítes, que num simples clique permite ao usuário *responder* e voltar a *responder* quando este seja interpelado ou sintá-se interpelado. Na tessitura do *covarde*, passando à humilhação, ao *fodido* e aos *vivos*, percebemos a regularidade com que o dizer se desdobra e é dobrado no ambiente virtual. Em poucos segundos, em poucos caracteres, o sentido se estende, se espalha e se prolifera à espera de seu leitor, que se não atingido, pode resultar no apagamento (exclusão) do tuíte ou no absoluto esquecimento (fragmento da memória metálica). O inconsciente, nesse movimento, não deixa de ser um elemento definidor.

Segundo Nascimento (2010, p. 9), “o sujeito do inconsciente é o verdadeiro sujeito do desejo, o verdadeiro portador das ambições pulsionais. O eu, por outro lado, é a interiorização, num certo sentido, das leis da linguagem, das leis do Outro”. Entre o *je* e o *moi*, divisões do *eu* na dimensão inconsciente, há o atravessamento do desejo e da linguagem. Atravessado, o sujeito que enuncia no discurso digital também não pode abandonar seus desígnios inconscientes. O faz pautado na pulsão, no desejo que é incitado na própria tecnologia. O Outro segue, assim como a ideologia, assujeitando o sujeito. Assim sendo, os tuítes analisados são sintomas da sobreposição da máquina à forma do sujeito ser e de se tornar *eu* que, desbordados numa maquinaria virtual, permitem ao significante estabelecer uma trajetória entre a sintaxe e a materialidade digital, constituindo os limites e as travessias que a discursividade assume na formulação do franquismo. Por fim, na textura do verbal, no virtual, há a experiência do *eu* com um *Outro* que não lhe afaga, mas o descarrilha em meio à contradição.

Referências

- CALERO, F. S. Totalitarismo, fascismo y franquismo: el pasado y el fin de las certidumbres después del comunismo. In: FONSERET, R.; CALERO, F. (Orgs.). **El franquismo: visiones y balances**. Universidad de Alicante, Espanha: Servicio de Publicaciones, 1999.
- DIAS, C. **Cidade, cultura e corpo: a velocidade do mundo**. Escritos, n. 10. Campinas: Labeurb/Nudecri/Unicamp, 2011. Disponível em: <<https://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/pdf/escritos/Escritos10.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2019.
- DIAS, C. A Análise do Discurso Digital: um campo de questões. In: **Caderno de Estudos do Discurso e do Corpo**, v. 10, n.2, p. 8-20, 2016a.

Disponível em: <<http://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2515/2079>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

DIAS, C. **A materialidade digital da mobilidade urbana: espaço, tecnologia e discurso.** Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos . n. 37. Jan./jun. 2016b. p. 157

-175. Disponível em: <<http://www.revistalinguas.com/edicao37/edicao37.html>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

FERRÁNDIZ, F. **De las fosas comunes a los derechos humanos: El descubrimiento de las desapariciones forzadas en la España contemporánea.** Revista de Antropología Social, vol. 19, 2010, pp. 161-189. Universidad Complutense de Madrid. Madrid, España. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/838/83817227007.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

HAROCHE, C. **A Condição sensível: formas e maneiras de sentir no ocidente.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

HENRY, P. **A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

HERNÁNDEZ BURGOS, C. **Las bases sociales de la dictadura y las actitudes ciudadanas durante el régimen de Franco: Granada (1936-1976).** 2012. 493 f. Tese (Doutorado em História Contemporânea) - Departamento de História Contemporânea, Granada, 2012. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/tesis?codigo=58692>. Acesso em: 11 nov. 2019.

MARIANI, B. **Subjetividade e imaginário linguístico.** In: Língua(gem) em discurso, v.3, número especial, Tubarão - SC, Rev. da UNISUL. 2003. p.55-72. Disponível em: <<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/linguagem-em-discurso/0303/030304.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

MARIANI, B. **Constituição do sujeito: percursos da linguística e da psicanálise.** In: Discurso, sujeito e memória. MALUF-SOUZA, Olímpia et al

(org.). Campinas, SP: Pontes, 2012, p. 31-46.

MARIANI, B. **Nome próprio e constituição do sujeito.** Revista Letras, Santa Maria - RS, v. 24, p. 131-141, jan./jun, 2014. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/letras/article/download/14428/pdf>>. Acesso em: 22 set. 2019.

METZELTIN, M. Denotaciones y connotaciones del sufijo -ismo. In: Real Academia de Ciencias Económicas y Financieras. **Desafíos de la nueva sociedad sobrecompleja: humanismo, transhumanismo, dataísmo y otros ismos.** Barcelona, Espanha: Ediciones Gráficas Rey, 2019.

NASCIMENTO, M. B. **Alienação, separação e a travessia da fantasia.** Opção lacaniana. N. 1. 2010. Disponível em:

<http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_1/Aliena%C3%A7%C3%A3o_separa%C3%A7%C3%A3o_e_a_travessia_da_fantasia.pdf>.

Acesso em: 02 set. 2019.

NORA, P. **Entre memória e história. A problemática dos lugares.** Projeto História, São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

ORLANDI, E. P. **Interpretação - autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al (org.). **Papel da memória.** 3.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010. p.49-57.

Real Academia de la Lengua Española y Asociación de Academias de la Lengua Española. **Nueva gramática de la lengua Española.** Madrid: Espasa, 2 vols. Vol. 1 (morfología, sintaxis).

Submissão: fevereiro de 2020.

Aceite: abril de 2020.